

____MANUELA VASCONCELOS____

NÃO HÁ UM PONTO FINAL...

__COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA__

*A alma dorme na pedra, sonha
no vegetal, agita-se no animal e
acorda no homem.*

LÉON DÉNIS

Ouvi, uma vez, falar da lei da reencarnação e, ao tomar conhecimento com o seu significado, percebi que onde quer que nos encontremos, como nos encontremos, sejamos o que formos, estamos sempre a recomeçar! E cheguei à conclusão que cada um de nós é como um texto imenso, num livro de que se vão sempre virando as páginas, uma após outra, mas sem nunca chegarmos à última.

Cada página, é como se representasse uma vivência... e considerando que somos todos espíritos milenares, ninguém pode afirmar o número preciso de reencarnações que já teve embora possa, isso sim!, reconhecer que já viveu muitas vidas! Quantos capítulos já terá o nosso Livro?

Como terão sido as nossas primeiras vivências?

Simples e ignorantes, como Deus nos criou, começámos, com certeza, por ser demasiado curiosos: do que nos rodeava, tudo nos deveria despertar interesse: o que seria? Para que serviria?

Nos companheiros que descobríamos, fazendo connosco o mesmo trajecto, veríamos as semelhanças ou as disparidades? A beleza ou a feiura? A simpatia ou a antipatia? A delicadeza... ou a brutalidade?

Na época, com certeza que não haveria espelhos e, se não estivéssemos perto de um lago ou de um rio de águas

mansas, nem sequer nos poderíamos ver ali reflectidos... e, quando tal aconteceu, como terá sido a nossa reacção? Ter-nos-íamos assustado ou, pelo contrário, quais novos Narcisos a descobrimo-nos, teríamos ficado embevecidos, a olharmo-nos, encantados com a nossa imagem?

Teríamos tocado a água a experimentar, assim, tocar “naquela coisa” que ali estávamos a ver, fazendo os mesmos gestos que nós, ou teríamos, primeiro, fugido, assustados, para depois voltarmos uma e mais vezes, enfrentando o desconhecido até percebermos que, esse mesmo desconhecido não era nada e que, tal como nós fugíamos, também ele o fazia?

Ao longo dos séculos a vida foi, para cada um de nós, uma imensa incógnita: tínhamos de lutar para não sossobrarmos, tínhamos de vencer para não sermos vencidos... tínhamos de ser ‘mais espertos’ que os outros! Depois, um dia, ao apercebermo-nos que éramos capazes de pensar, que fizemos dos nossos pensamentos? Fomo-los comandando ou, pelo contrário, deixámos que eles nos comandassem?

E cada nova existência foi uma nova descoberta já que, de umas para as outras, esqueciamo-nos sempre do que aprendêramos anteriormente... Os passos repetidos, os gestos imitados, a curiosidade sempre latente eram aliciantes que não só nos iam educando como nos ajudavam a conhecermo-nos melhor.

Passámos pelo mal, que descobrimos ou inventámos, fosse pelo prazer de o fazer, fosse como defesa... ou ataque! Ninguém nos dizia que não agíssemos assim! Éramos autênticos selvagens, vivendo em florestas que íamos descobrindo e de que íamos fugindo conforme íamos percebendo que podíamos ter... mais e melhor!... Florestas povoadas de animais irracionais que temíamos menos que os outros, iguais a nós!

Tivemos que nos ‘civilizar’ antes de chegarmos às grandes cidades... tivemos que olhar de longe a vida que ali se vivia para compreendermos que tínhamos o mesmo direito a ela que todos os outros que já lá se encontravam! Tivemos, observando à distância, de imitar, para nos sentirmos com o mesmo direito de um lugar ao sol!

Tivemos... mas, até chegarmos a essa meta – uma das muitas que fomos conquistando ao longo dos séculos -, como vivemos? Procurando os ramos mais altos das árvores, para nos defendermos dos ataques das feras... disputando com uma e outra, menos selvagem, o naco de carne a que nos sentíamos com o mesmo direito... inventando armas de arremesso e ataque com que vencíamos aquela outra, mais feroz, que servia depois para a nossa alimentação e a dos nossos? Não foi assim que viveram os arborígenes?

E os nossos... como os tratámos? Como foi a aproximação? Disputámos com outros machos a posse da

fêmea, como víamos os irracionais a fazer, ou teremos sentido em nós, por instinto, que éramos algo mais e diferentes, devendo agir com mais delicadeza? Delicadeza... palavra que, naquela época, nos seria desconhecida no seu significado... quando teremos começado a agir de acordo com ela, quando teremos deixado de ser tão selvagens... tão animalizados?

Instinto e inteligência... o primeiro, ainda hoje existe em cada um de nós, embora bem mais adormecido, embora bem mais comedido; inteligência... ela despertou em nós, sim, numa época muito distante, nos primeiros tempos percentualizada com o próprio instinto, pois não sabíamos raciocinar! Hoje, senhores de nós, é verdade que já a usamos, embora às vezes, por preguiça, por comodismo, por “deixar o barco andar”, ainda a mantenhemos inoperável – para, depois, quase sempre nos arrependamos de não termos feito mais e melhor!

Um dia, nos tempos perdidos do antanho, descobrimos um deus... e todos o começaram a ser, na nossa classificação: o deus sol, que nos dava a luz do dia, que aquecia a terra e os corpos, e ajudava a agricultura; o deus trovão, que apagava a luz do sol, fazia do dia noite e riscava a “terra” que havia por de cima de nós com arabescos de luz que mais pareciam raízes iluminadas a quererem firmar-se em algum lugar, de alguma maneira... Às vezes, caíam na terra, nas águas dos mares e dos rios: provocavam um estrondo maior, chegavam, até, com a sua força, a matar os peixes que ali estavam, nas zonas onde mergulhavam, partiam as árvores ao meio

e queimavam-nas... Tudo podiam fazer até que se cansavam e, então, escondiam-se num local que nunca ninguém conseguiu encontrar e ficavam adormecidos, até uma próxima vez, quando se cansassem de estar quietos! A deusa água... que gostávamos de beber, mesmo sem percebermos o quanto nos era necessária ao organismo... o deus vento... que tudo atirava por terra e lá longe, naquele “poço” de água de que não conseguíamos ver o fim, deitava para o seu bojo os cascos de madeira que se mantinham ao de cima, governados por outros como nós!

Os mares... os rios... quanto tempo demorámos até descobrirmos como se chamavam? Quem lhes deu os nomes? Como chegaram até nós?

A Vida... a vida é a grande mestra na Escola que todos temos, forçosamente, de frequentar... mas quem determinou essa Escola?

Quando chegou o momento de experimentarmos a cidade, abandonando a vida selvagem que levámos até então, como o fizemos? Quantos séculos já teriam decorrido? Como surgimos ali? Porque foi que eles – os que nos geraram – foram o nosso pai e a nossa mãe?

Naquela época, como ainda agora o fazemos, face de determinados acontecimentos, aceitamos o “tem que ser assim” e não fomos inventar interrogações que, com certeza, ficariam sem resposta porque os interrogados talvez não soubessem como nos satisfazer... mas o “tem

que ser assim” obrigou-nos a crescer, dando-nos outros conhecimentos com que não nos preocupáramos até então... Hoje, olhando para trás, concluímos que trouxemos sempre connosco, mais ou menos mascarados com outros gestos e a educação moral e de civilidade que conseguíramos, os hábitos da vida selvagem que fora a de cada um de nós, no princípio tão distante da vivência terrena!

Tal como outrora, ainda matamos para marcarmos a nossa posição; ainda impomos a nossa vontade do mais forte ao mais fraco; ainda roubamos a mulher do próximo, quando não é ela que rouba o companheiro da amiga; ainda educamos – ou tentamos – educar os nossos filhos à nossa própria maneira, à maneira daquilo que fomos e àquela outra, que desejávamos ser mas não conseguimos... e isto nota-se, nos cursos para os quais alguns pais canalizam os filhos, não pela aptidão e tendência que demonstram, mas pela frustração que eles, pais, tiveram, quando não o conseguiram ser: e vemos engenheiros que queriam ser doutores; matemáticos que queriam ser professores de letras; doutores que, em vez de salvarem a vida de outros seres, como sempre desejaram fazer, se encontram ‘amarrados’ a um estirador, imaginando casas, estradas, tunéis! Tudo trocado, em função da vontade dos mais velhos que não souberam desistir da profissão que não era a sua!

... E o Livro da Vida vai continuando a somar capítulos e amontoando letras que logo criam palavras e

frases! Quantas páginas já se escreveram? Quantas faltam, ainda, grafar?

Numa determinada época soubemos – descobrimos? – que, afinal, não existe nem o deus sol, nem o deus chuva, nem o deus trovão, como imagináramos, mas existe um Deus diferente, Senhor dos Céus e da Terra, que a todos nós criou e ao qual todos, incluindo a Natureza, estamos sujeitos! Alguns de nós rebelaram-se; também queriam ser deuses! Não o conseguindo, rejeitaram Esse que lhes tinha sido apontado como Deus Supremo: uns, afirmaram a sua não existência; outros, disseram que não o conheciam, que nunca o tinham encontrado no seu caminho; outros, ainda, afirmaram que se Ele existia deveria ser tão imperfeito como qualquer um de nós, já que o mundo – tudo aquilo que dele se conhecia – estava um caos e um Deus Perfeito não deixaria nunca que tal acontecesse!

... e ainda hoje nos custa a aceitar que o mal não vem de Deus, mas foi criado por cada um de nós, na ignorância que vivemos e acalentamos ainda!

Libertos da escravidão para que tinham sido atirados quando fugiram do seu país em busca de liberdade e de uma vida melhor, outros homens – talvez nós mesmos - seguiram o grande chefe Moisés que, por ser grande recebeu a Lei de Deus, mas essa Lei impunha muitas restrições aos homens, que não estavam preparados para a viverem: crianças grandes (e velhas) libertas do jugo da

escravidão, eles queriam viver como muito bem entendessem e Moisés, para obrigar o povo a obedecer à Lei de Deus, vendo a rebeldia do povo, criou a sua lei civil, dizem que a primeira que se fez na Terra, para que os homens vivenciassem a divina pelo medo dos castigos...A lei do “olho por olho” a que eles, embora acobardados, se sujeitaram: tinha saído de uma escravidão para serem sujeitos a outra, ainda que mais suave! E o povo continuou a palmilhar as areias do deserto da sua impotência, da sua desilusão, imaginando truques mil para enganar a lei – embora enganando-se a si próprio!

Foi, então, ou já fora antes, que se começou a ouvir falar das almas que não morriam, mas que vinham uma e muitas vezes a um corpo diferente para aprenderem... Das Atlântidas submersas, que deram o nome a um dos maiores oceanos, vieram os seus habitantes reencarnar no norte da América, no antigo Egipto, na China, na Europa... eles traziam conhecimentos que mais ninguém possuía, e falavam e “descobriam” coisas que nunca antes se tinham visto! Vieram... e os seus descendentes foram-se firmando, porque tinham, latentes, os conhecimentos das vidas passadas que iam transmitindo, como descobertas novas, a todos aqueles com quem conviviam, conforme as necessidades do momento...

Depois, em determinado momento, começaram a ouvir-se referências a um Messias que havia de chegar para salvar o mundo... mas as gerações foram-se

sucedendo, sem que tal acontecesse e, quando um dia, alguém afirmou que o Messias já estava entre os homens, rejeitaram-no: não podia ser aquele ser simples, humilde, que nada tinha de seu, nem sequer uma pedra onde repousar a cabeça!... que tanto curava os enfermos como ressuscitava os mortos; que tanto andava sobre as águas do mar como as acalmava no meio das maiores tempestades; um milagreiro, um mágico que ensinava a conquista da felicidade não pelas armas mas pela palavra; não pela retaliação, mas pela aceitação! Ninguém estava preparado para dar a outra face... para perdoar... para amar a todos da mesma maneira... e foi escorraçado, morto como o mais vil dos bandidos!

Quase exangue, pedindo perdão para todos, muitos se lembraram que Ele anunciara que, depois, voltaria... e quando tal aconteceu, foi a loucura total: os outros homens que com Ele conviveram, começaram a transmitir as palavras que d'Ele tinham escutado, propagando-as de tal maneira que chegaram a sair do próprio País para falarem mais longe, àqueles que nunca O tinham conhecido... e tal como no tempo de Moisés, que mandou que os seus escribas registassem toda a história do seu povo que os anciãos foram passando, palavra por palavra, de geração em geração, para que não se perdesse, os homens começaram a fazer o mesmo, registando em papiros os factos de que se lembravam... Esses registos foram chamados evangelhos, vários desaparecidos, mas encontrados mais tarde, em talhas, nas furnas do Mar Morto, e foram contados num total de

21... mas, a Igreja Romana, que tinha o ascendente total de todas as religiões, antes que tal descoberta acontecesse, analisou os existentes e determinou que os registos de tais livros não eram confiáveis, escolhendo apenas quatro, os mais iguais entre si nos factos que narravam; esses livros foram os que, ao longo do tempo e até agora, serviram de base à educação moral de todos os povos!

Mas em tudo há sempre um senão... aquela Igreja não soube, ou não quis, agir da maneira que o Messias ensinara... alterou textos, “criou” coisas que ninguém escrevera, “inventou” milagres que não aconteceram, (porque o milagre não existe!), e os homens foram combatendo pacificamente essas mesmas ideias; quando viram que não as conseguiam vencer, porque o seu poderio não era tão grande como o outro, que degladiavam, afastaram-se e, pouco a pouco, foram surgindo novas religiões, procuradas e seguidas pelos homens mediante a maneira de ser e sentir de cada um: é que a evolução continuava e o Livro da Vida, individual, continuava a ser escrito, com vitórias e derrotas, conquistas e aprendizado!

Com o Messias Jesus aprendera-se que o Senhor dera aos homens uma Lei, chamada de reencarnação, que permitia que a alma, imortal, eterna, divina à semelhança de Deus, pudesse vir a um corpo, sempre novo, sempre diferente, numa nova gestação, para mais uma época de aprendizado e de reparação dos erros do passado...

Ninguém recordava já como começara... as primeiras vivências... as primeiras lutas... as primeiras conquistas... mas, intimamente, cada um como que sentia que a conquista maior ainda estava por vir... e só chegaria quando o EU indestrutível que era cada um pudesse – conseguisse – arrancar de vez, de si próprio, os resquícios dos erros desse passado tão distante que levaria anos-luz a ser abordado, e conquistasse, finalmente, o estatuto de Alma ou Espírito Puro para que Deus o criara.

Impossível? Não, a Deus nada o era, e se Ele assim o determinara, assim haverá de acontecer, assim já aconteceu com muitos outros! Jesus é a prova de tal e esteve entre os homens a fazer-nos a Sua revelação... mas, até que tal aconteça com cada um, as reencarnações continuarão, uma após outra, como o capítulo de um livro sucede a outro... sem haver nunca um ponto final!

Manuela Vasconcelos